



POR TERRAS QUENTES DE TETE !...

(1º Encontro – Agosto de 1970)

Foi no início de uma tarde quente de Agosto de 1970 que a bordo do táxi aéreo que regularmente fazia os nossos reabastecimentos, superiormente tripulado pelo Victor Silva, deixei Pauíla!

Isto, após se ter dado cumprimento à “MENSAGEM” autenticada e com a classificação de “RESERVADO” enviada para PAUILA pelo nosso comandante em 02JUL70, que rezava o seguinte:

«PRESENÇA FÍSICA CAP. ROCHA NESSA PREVISTA 19AGO. ALF. MEIRA SÓ DEPOIS PODE ENTRAR LICENÇA.

DEVE MARCAR SUA PASSAGEM SAÍDA BEIRA 23 AGO 70.»

Depois das “despedidas” da praxe, e dos “dixotes provocadores” (atendendo a que era o meu baptismo de voo!) de alguns “Paulenses” mais afoitos (e “incentivados” pelo Capitão Rocha!... Alferes: Carvalho, Martins Ferreira, etc. etc.), entrei (algo receoso!...) no admirável “bicho”! ...

Ligado o motor, arrancámos pista fora, para o lado do “Reimba o Malho”.

Sabendo-me em “baptismo de voo”, o amigo Vítor Silva fez umas piruetas e umas brincadeiras para me pôr à prova – às quais eu, heroicamente, resisti ! ...

Pouco depois de passarmos aquele avião velho (“estacionado” junto ao arame farpado, entre o capim, onde costumávamos tirar umas fotos!!!) que tinha caído em Pauila há muitos anos (no tempo dos pára-quedistas, diziam ...) e se encontrava um pouco à frente da saída de Olivença e no seguimento das “residências” dos “mainatos” (“Chefe” Zé, Caísse, Fernando, Mr. Jones, etc., etc), iniciámos a subida. Prosseguimos, por uns tempos, sempre em frente, rumo àquele morro onde montávamos segurança ao aquartelamento, naquelas datas mais ... sensíveis ... (Natal, Páscoa, 25 de Setembro ...).

Bastante antes de atingirmos esse morro (“et par cause”!...não fosse o diabo tecê-las!...) efectuámos uma longa e pronunciada curva à esquerda, seguindo um pouco para Norte!

Sobrevoámos, então, os “rios” Lulimbo e Metube (onde, por vezes, chegámos a pôr à prova as nossas “invejáveis”... qualidades piscatórias !?...), que estavam praticamente secos! Na perpendicular destes, serpenteava por entre a mata ora densa e misteriosa, ora um pouco menos enigmática por mais aberta, a tortuosa picada para Olivença - que tantas dores de cabeça nos iria dar nos meses seguintes! Continuámos a curvar à esquerda, tendo o Vítor Silva direccionado, por fim, o Cessna para Sul, retomando (de novo) a direcção de Pauila, para seguirmos, finalmente, rumo a Macaloge!

Começamos de novo a divisar, perdidos e esquecidos naquela tremenda imensidão, os edifícios esbranquiçados que, quebrando toda aquela enorme monotonia verde-claro, compunham o “nosso” velho aquartelamento de Pauila !...

Logo à entrada, imponente, aparecia a pista de aviação! De terra batida, claro, mas com o capim devidamente aparado, com cerca de 1 Km de comprimento! À esquerda, junto à saída para Olivença, a Capela, onde o “nosso” Alferes Capelão, Rev. Padre José Maria Gomes Pereira lhe vinha dar vida mais activa, de quando em vez (e como toda a malta de Pauila o gostava de ver por aquelas paragens!), o

depósito de água, o corredor (tipo eléctrico) da cozinha (do “Terrinas”), posto médico, secretaria e transmissões; depois os parrots dos oficiais e sargentos, as casernas, o depósito de géneros, a “Sala do Soldado”, a cozinha grande, com a padaria ao lado, o refeitório, o parque auto, um pouco mais isolado e à direita, o paiol, etc., etc., tudo devidamente enquadrado pelas duas fiadas de arame farpado e pelos postos de sentinela - com os quatro “altos” ainda em fase de acabamentos!!!

Podia admirar-se ainda, também, o enorme mangueiral junto à saída para Macaloge! Depois, a grande descida que se seguia a esse mangueiral, com um enorme e pronunciado declive, onde tantas vezes os “meus” condutores (“Fafe”, “Xico Lourenço” e “Paço d’Arcos”), assim como, de resto, todos os demais condutores da “Companhia”, puseram à prova os esforçados travões das “berliets”!!!

O Vítor Silva, à cautela, subiu mais um pouco. Tive então a estranha sensação de que estávamos quase parados e flutuando no ar, e, algo inquieto, questionei, por isso, o piloto Vítor Silva:

- Como é, comandante? Estamos planando? Dá-me a nítida sensação de que estamos quase parados!... Como que flutuando!...

- Parados? Ai sim? Tem mesmo essa sensação? Bem se vê que (desculpe lá!...) é mesmo “checa” nestas andanças! Repare aqui no velocímetro!... e apontou para aquela imensidão de ponteiros e manómetros que “ornavam” o confortável e acessível cockpit.

Pura ilusão de óptica! Verifiquei então que avançávamos a uma velocidade superior a 350 km/hora! ... Claro que, lá do alto, a paisagem, por demasiado monótona, custava a “passar”! E parecia eternizar-se, dado o nosso vasto e amplo campo visual!...

Sobrevoámos já as grandes “línguas” da Mucalapa e as pontes do Rio Moola! Íamos agora mesmo por cima da zona onde o nosso Batalhão rebentou as primeiras minas! De aterradora e pavorosa memória! ...

Lá mais ao fundo já se divisava a enorme claridade do grande aglomerado de edifícios que compunham o aquartelamento-sede do nosso Batalhão, os flats, a casa do Sr. administrador, a cantina do Manel, os aldeamentos, as machambas!...

- Meira, prepare-se! Vamos iniciar a descida para Macaloge! Vamos lá ver se o trem de aterragem baixa!...

Diz-me, com ar sério e muito compenetrado o Vítor Silva, tentando, assim, impressionar-me!...

- Porque diz isso? Alvitrei eu, já com suores frios! Já teve problemas com ele?

- Há dias, depois de um abastecimento a Mecula, fui fazer uma evacuação a Valadim, e estava a ver que não o conseguia fazer descer!... Nem queira saber a enorme aflição!...

Vendo-me um pouco amarelo, calado e apreensivo, depressa me sossegou:

- Estou a brincar! Com esta “máquina” nunca tive problemas desses, felizmente! Fique descansado!

“Fizémo-nos” à pista do lado de Unango! O Cessna estremeceu ao pisar aquela inconfundível terra vermelha de Sanga, acabando por se deter junto ao “cais de embarque”, mesmo em frente daquele posto de sentinela.

E, claro, descemos.

- Uff ! Por fim, em terra!... disse eu para o Vítor Silva, já bastante aliviado, ao sentir o terreno firme que pisava!...

- Que tal? Não me diga que não gostou!!!

- Adorei!... E para a minha primeira aterragem ... convenhamos que até não estive nada mal!... Não dei parte de fracol!... lembrei eu, já com melhores “cores”!...

- É verdade, sim senhor! Portou-se muito bem! Mas de um ... “matador de elefantes” ... outra coisa não seria de esperar !... (... a fama já ia longe!?...).

Na pista, junto ao “cais de embarque” e como de costume aquando da “chegada” de aeronaves, encontrava-se bastante pessoal que, naturalmente, procuravam ... novidades e ... contactos com ... a civilização!...

Sabiam, por intermédio do nosso pessoal das transmissões (e passe a imodéstia!...), que vinha o Alferes Meira, de Pauila, e, por isso, queriam dar duas de treta!... Saber novidades!... Ouvir ... pela centésima vez ... , a famosa, célebre e famigerada “HISTÓRIA DO NEVES”!.... “Estória” velhinha que já vinha de longe!...

Da Trofa a Mafra, de Chaves a Viana do Castelo, do Vera Cruz a Pauila!!! etc. etc. ... toda a gente queria ouvir a famigerada “História do Neves”!...

- Qualquer dia ainda por cá dela deixo nota!...

Lá estavam, pois, os “habitués” do costume (passe a redundância!...): o Alferes Capelão Rev. Pe. Gomes Pereira, sempre alegre e sorridente a distribuir bênçãos e simpatia, o Alferes (pouco depois, Tenente) Mendes da Silva (o impagável homem do violão!... Lembram-se daquelas famosas noitadas em Pauila, no parrot dos oficiais??..., já todos com a voz um pouco pastosa, a cantar a “Malaguena Salerosa”!...com o Mendes da Silva a fazer o acompanhamento com os dedos da mão, na tampa do violão!...), o Capitão Serrote Nunes [com o seu inconfundível e inseparável “kiko”!!! – que tão bem lhe ficava!!!... - devidamente enquadrado por aqueles seus (quadrados) óculos castanhos!...], o Xico Allen (Alferes médico) a confiar o seu farfalhudo bigode! ... que o comandante queria que ele cortasse mas que, “fazendo parte integrante da sua personalidade” ele se recusou a dar cumprimento à ordem!!!! Ah grande Xico! Marcaste uns pontos nessa altura!!!..., os Alferes (Operacionais!...) Medina Correia, M. Hespanhol, O. Ferreira, R. Pinto, E. Rodrigues, Santos Pinto, J. Sousa, L. Oliveira (o perigoso Sapador!...), o Sargento Meira - um vianense de S. Romão do Neiva - que, por vezes, também visitou Pauila, alguns Furriéis que bem conhecia, nomeadamente o Neiva (ou “Shemaine”) – meu conterrâneo, o Ribeiro (o “apanhado” rádio-montador e visita frequente em Pauila!..), O Jorge Alexandre (o famoso articulista do revirinho, “infiltrado” (!?) no Horizonte!...), o Zé Lopes, de Vieira do Minho, o bravo “vidaguense” das enfermagens: Cadete, o Ângelo Lamas - outro bravo do mesmo sector, o Araújo (das Transmissões) - meu conhecido famalicense (com quem tive um “desaguisado”, num desafio de futebol, arduamente disputado ao cair da tarde, em Macaloge!...), o Paquete - outro aguerrido esposendense da 2667, o Penafiel - o intrépido condutor do comandante!... que dizia que se passasse por cima de uma mina, no “seu” jeep, com muita força, não a rebentaria!... já que, quando ela rebentasse já ele tinha passado!...????? etc., etc... e, como não podia deixar de ser (já que foi por ele que em Macaloge “aterrámos”!...) o “nosso” simpatiquíssimo Major Artur Lourenço, meu colega de viagem!...

Quinze minutos de conversa – não mais - e prontos para a largada!

Mais uns abraços de despedida, com votos de boa viagem e boas férias! E ala que se faz tarde! Havia a ligação em Vila Cabral, e não havia mais tempo!...

Já com o (anafado e sempre bem disposto) Major Lourenço a bordo, largamos, lestos, rumo a Vila Cabral.

Levantámos de Macaloge, tendo pela frente e descaída para a direita a majestática Serra Jéci! Um pouco mais à esquerda, “imponentes”, davam já sinal de si as ditas “avantajadas” e mui “respeitáveis” da Brigitte, o verdadeiro ex-libris da C. Caç. 2668 !

Lá no fundo, tranquila, pachorrenta e sinuosa, corria a picada para Unango!

Daí a pouco, entre umas anedotas do Vítor Silva e umas “queixas” à mistura (do intratável e inimitável “Viegas”) feitas pelo Major Lourenço, aterrámos suavemente em Vila Cabral! A incontornável capital do (nosso) distrito do Niassa !

[Capital de distrito e sede da diocese que tinha à frente (desde a sua criação, em 1964) o célebre e famoso bispo, D. Eurico Dias Nogueira, um distinto e insigne Pampinhosense, de Dornelas do Zêzere, que, graças à sua esclarecida, clara e indómita visão dos Evangelhos, do Direito (já que também era licenciado em Direito Civil desde 1955, pela Universidade de Coimbra) e dos direitos e deveres de cada qual, deu grandes dores de cabeça primeiro aos “salazaristas”, agora “marcelistas” e, claro, à repugnante e “travestida” DGS! ... Mas já estou a derivar ! Desculpem lá estes meus devaneios!...].

“Largámos” o Cessna, despedimo-nos do Vítor Silva, e entrámos rapidamente num esbelto e elegante Friendship azul-claro que, havia pouco tempo, tinha vindo enriquecer a já consistente e robusta frota da DETA, que nos aguardava (propositadamente!... e com os motores já em movimento!...) e nos iria levar à

cidade da Beira, após uma escala técnica que iríamos efectuar no aeroporto da cidade de Tete, que se situava a alguns quilómetros desta, entre o Rio Zambeze e a famosa e carbonífera vila de Moatize!

Comodamente instalados a bordo, com o Major Lourenço encostado à “janela”; eis os temíveis e egrégios “guerreiros” encetando o árduo caminho que os iria levar, a breve trecho, à Metrópole!

Já sobrevoávamos a parte Sul do Lago Niassa e entramos no espaço aéreo do Malawi. Passado pouco tempo, com um pouco de esforço e pelas “coordenadas” e afinado sentido de orientação (!?) do Major Lourenço, avistávamos do lado esquerdo, a cidade de Blantyre! Um pouco mais à frente e do lado oposto, aparecia o caudaloso e agitado Rio Zambeze. Seguidamente, um pouco mais abaixo e desse mesmo lado, quase no sopé de um grande monte (a famosa “Serra da Caroeira”, vim mais tarde a saber!...), banhada por esse torrentoso rio, com os pilares da nova ponte já ao alto, avistámos o aglomerado urbano em expansão da cidade de TETE !

Vista de dentro do Friendship, a paisagem que divisávamos apresentava-se extremamente luminosa, seca e agreste! Parecia que tudo ardia!...

- Sabe, Meira, já fui o comandante de todas estas terras!... Fazia todo este percurso (de largas centenas de quilómetros) de jeep, só com o meu condutor e com uma arma de caça!

- De jeep e só com o condutor, meu Major ? E só com uma arma de caça?

- Sim, sim! Bons tempos, não acha, Meira ? Grande parte desse imenso trajecto, para encurtar caminho, fazíamo-lo nós pela Rodésia! Claro que, nessa altura, não havia por cá sinais de terrorismo! Estávamos no declinar dos anos cinquenta!...

Assim enlevado e embevecido me contava, com aquela sua franca, afectuosa e cativante simplicidade, o “nosso” Major Lourenço (“Oficial de Operações” do nosso Batalhão), em Agosto de 1970, quando nos preparávamos para aterrar no aeroporto de Tete, a caminho da Beira, onde íamos apanhar o avião para a “Metrópole”, em gozo de merecidas férias !

Fazia-se sentir, por aquelas paragens e naquele dia (excepcional,... pensava eu, ingenuamente!...), um calor sufocante! Logo que se abriu a porta da frente do Friendship, senti uma baforada tão quente que, surpreso e incomodado, recuei, antes de aceder às respectivas escadas !

O Major Lourenço, que me precedia, já habituado a estas andanças, apercebendo-se do meu gesto de retracção, virou-se para mim, sorrindo:

- Venha, venha Meira! Não se assuste! Por estas terras de Tete, é mesmo assim ! Calor “é mato” ! Mas o que custa, são as três primeiras “comissões”!...

- Como, meu Major?... Se me apanho livre desta, nunca mais me apanham!...

Entretanto, do pavimento alcatroado da pista, subiam no ar umas fortes lufadas de calor, qual panela de pressão deixando sair todo aquele vapor, quase líquido, que impressionava!... E que me impressionou imenso, diga-se !...

- Sorte tivemos nós, meu Major, em não virmos cá parar! Já viu a “brasa” que está, que até o asfalto da pista parece derreter? Isto é mesmo “terra de pretos”! Não acha, meu Major? E sem qualquer tipo de racismo ou discriminação, pode crer!

- Lá isso é verdade, Meira! Calor é coisa que cá por estas terras não falta !... Quanto a ser ... ahn... mesmo “terra de pretos”,... isso já é mais ... discutível!... Ah Ahn ...

O Major Lourenço tossiu (forçadamente) e, piscando-me o olho, disse-me, em voz baixa, ... quase imperceptível,... e por “entre dentes”, concretizando:

- Meira, tenha cuidado!... Aquele “tipo” que passou por nós, de óculos escuros, tentava, ainda que disfarçadamente, ouvir a nossa conversa! Não se deu conta? E, ou eu me engano muito ou ou ...

- Ou é ... da ... PIDE !... atalhei eu (que, de resto, já dele me tinha apercebido, mas sem lhe ter dado qualquer importância!...), armado em valente, fruto dos meus verdes anos (a casa dos vinte!...tinha, felizmente, destas coisas!...) e das más memórias que deles tinha, ... dos meus anos de estudante no

Porto!...Naqueles calorosos, fervilhantes e indomáveis anos 60 ! ... Daquelas (suas) terríficas instalações da Rua do Heroísmo!... de tão má memória!...

(As prisões arbitrárias, feitas pela calada da noite!... os sucessivos espancamentos e torturas covardemente levados a efeito no silêncio de quatro paredes!... sem testemunhas, sem advogados e com a participação de repelentes valentões!... isso eu jamais pude esquecer!...).

Daí o meu sentimento de desprezo por esses vermes!...

- Deixe-o comigo, então, meu Major!... Já lá têm a minha morada !... e, por certo, a sua também !...

- Tenha cuidado Meira! Olhe que são cães que não conhecem o dono! São capazes de tudo para obterem umas migalhas! ... Olhe para o que lhe digo!...

Forçados por aquele calor, caminhámos diligentes e apressados para o bar que (à falta de melhor!...) existia no “cais de embarque”! ...

Lá aguardarmos, calmamente sentados naquelas cadeiras elevadas junto ao balcão corrido, a hora da partida, após nos termos “empertigado” com umas saborosas e frescas “2M”!

Era de trinta minutos o tempo de paragem, e estava prestes a esgotar-se.

Foi dali que, pela primeira vez pude admirar, mesmo ao pé - após as fiadas de “arame farpado” - aquelas famosas árvores tropicais de que já me tinham falado, mas que ainda não tinha visto, assim tão perto! Ali mesmo “à mão de semear”, como diziam, vezes sem conta, lá na minha terra!...

Os famigerados embondeiros, com os seus inúmeros braços descarnados, erguidos aos Céus, como que implorando a Deus (senão a bênção de uma fonte – lembrando Florbela Espanca - ... pelo menos) piedade e ajuda para “aguentarem” aquele Sol terrivelmente abrasador !

E eram imensos, por aquelas secas, áridas e quentes paragens de Tete!

A tripulação do Friendship, impecável no seu traje azul-claro, anunciou-nos a proximidade da partida e convidou-nos a seguir para o avião, a que, ansiosos, de imediato, correspondemos!

Embarcámos, felizes, daí a momentos.

Ao entrar no Friendship olhámos para trás, e ainda pudemos ver, à esquina do “cais de embarque”, uma repelente e abominável figura, covardemente escondida por trás de uns tenebrosos e sórdidos óculos escuros!

Foi este o meu primeiro encontro com as “terras quentes” de Tete !

AMÂNDIO MEIRA

27 de Março de 2009.